

“EM MESES DE INVERNEIRA, HISTÓRIAS À LAREIRA”

Provérbios e dizeres enquanto transmissores de valores culturais e de identidade

HERMÍNIA SOL
Instituto Politécnico de Tomar
hsol@ipt.pt

Resumo

A tradição oral, enquanto objecto passível de ser teorizado e analisado cientificamente, ocupa ainda um espaço muito limitado no meio académico. Numa tentativa de romper com este estado de coisas, este artigo pretende reflectir sobre o papel que os provérbios e dizeres têm na perpetuação de certos valores culturais e nacionais. Para tal irá abordar a natureza didáctica destes dois fenómenos comunicacionais enquanto compromisso com as culturas de onde emergem. À luz do trabalho de Durkheim e de Vansina, irá explorar de que forma é que este género de produções anónimas contribui para a criação e manutenção da memória colectiva de uma dada comunidade. Traçará, também, alguns paralelos entre provérbios nacionais e seus congéneres europeus, no sentido de demonstrar que estes terão servido de veículo para o intercâmbio de ideias. Por último, fará menção a alguns projectos em curso que visam instigar a preservação e transmissão de aspectos do passado através da tradição oral.

Abstract

Oral tradition is still looked down upon by academia as it is not yet considered fit to be either object or subject of scientific scrutiny. In an attempt to change this state of affairs, this article aims to reflect upon the role of proverbs and sayings as keepers of cultural and national values. As such, it will look into the didactic nature of these two communicational phenomena as a commitment to the cultures that have produced them. Borrowing from Durkheim and Vansina, it will explore the contribution of this kind of anonymous productions to the creation and maintenance of a community's collective memory. Next it will draw some parallels between Portuguese national proverbs and some European equivalents, so as to attest their ancient role as vehicles for the exchange of ideas. Finally, especial attention will be given to some recent projects, which aim to protect and pass on certain aspects of our heritage through oral tradition.

Palavras-chave: Literatura oral, Memória colectiva, Património imaterial

Keywords: Oral literature, Collective memory, Intangible heritage

Introdução

A literatura oral insere-se numa tradição secular, extremamente rica, e que durante demasiado tempo foi alvo do desprezo do meio académico ocidental. Esta atitude explica-se, em parte, pela analogia, nem sempre correcta, que é traçada entre a literatura oral e as suas pretensas raízes populares. Analogia essa, que consubstanciou o mito da subalternação da oralidade em relação à escrita, mito que, aliás, ainda perdura. Todavia, verifica-se, actual e paralelamente, a emergência de uma atitude que contrasta com a anterior, na medida em que substitui as noções de **vulgaridade** e **inferioridade** associadas à **cultura popular** pelas noções de **autenticidade** e de **diversidade**. Um exemplo de um efeito prático desta corrente alternativa é a elevação da tradição oral a **património** pela UNESCO. Com efeito a patrimonialização das várias expressões da tradição oral indicia o reconhecimento da sua vulnerabilidade num mundo cada vez mais tecnológico e onde as estruturas que as sustentavam (como a família e a ideia de comunidade) começam a sofrer alterações de fundo.

Tal como o título indica, a presente comunicação pretende reflectir sobre a importância de dotar as gerações mais jovens de uma competência paramiológica, ou seja “o conjunto de todos os conceitos de texto proverbial existentes numa determinada cultura” (Funk, 1993: 17), numa conjuntura sócio-económica e cultural que não facilita a proliferação e continuação de géneros da cultura oral. Esta reflexão incidirá, sobretudo, nas vantagens de conjugar a oralidade e a literacia demonstrando, desta forma, que o processo de extinção a que vários textos proverbiais se encontram votados, não é irreversível. Pelo contrário, é desejável que se crie(m) espaço(s) para a aprendizagem deste tipo de saber pois esta comporta a aquisição de valores de ordem estética, pedagógica, linguística, sociológica, histórica, psicológica e filosófica que devem ser, se não mantidos, pelo menos conhecidos.

Voz do povo, voz de Deus

A palavra **provérbio** provém do latim *proverbium* (*pro* + *verbum*) que significava “para servir” ou “para reflectir” (Pereira, 2000: 30). Associada a este termo vamos encontrar uma panóplia de géneros parasinónimos, tais como: adágio, anexim, rifão, ditado, aforismo, entre outros, cujas distinções têm muito de arbitrário e como tal pouco precisas. Dada a ausência de limites rígidos entre os diferentes géneros e a fragilidade de qualquer posição dogmática, o termo provérbio será aqui usado como sinónimo de todas as designações anteriormente mencionadas. Já o termo **dizer**, designará o pensamento que o provérbio encerra (Houaiss, 2003:1382).

Muito embora tenha sido, e continue a ser, considerado um género menor da literatura oral, o texto proverbial é detentor de uma complexidade que raramente lhe é reconhecida e que se encontra patente na definição de Ana Cristina Macário Lopes:

o provérbio é um texto breve e sentencioso, que se transmite oralmente de geração em geração, acabando por adquirir o estatuto de texto anónimo institucionalizado. Através dos provérbios exprime-se uma determinada visão do mundo, sob a forma de supostas verdades, omnitemporais que configuram regularidades induzidas por generalização empírica, consensualmente aceites pela comunidade, e veiculam-se normas de conduta socialmente consideradas exemplares. (1992: 9-10)

O mesmo é dizer que os provérbios se encontram imbuídos de valores **ilocutivos** (como: informar, ordenar, advertir, aconselhar, etc.) e de efeitos **perlocutivos** (isto é, o resultado que esperamos obter junto de outrem através da enunciação do provérbio, v.g. convencer, repreender, intimidar, educar, etc.) (Pereira, 2000: 9). Para além destes atributos, há também que destacar as suas **funções pragmáticas** que se manifestam em três domínios: o previsivo (relativo aos provérbios com dizeres relacionados com previsões e/ou informações aplicáveis a todas as épocas do ano), o interpretativo (referente aos provérbios que encerram conclusões pessimistas ou optimistas) e o didáctico (relativo aos provérbios que visam transmitir conselhos e ensinamentos práticos) (*ibid.*: 112). No fundo, as funções pragmáticas são um exemplo de efeito perlocutivo, uma vez que descrevem as implicações práticas do uso de fórmulas proverbiais quando usadas num contexto de interacção (Ducrot & Todorov, 1982: 397). Ou seja, é nas funções pragmáticas que as dimensões sociológica, filosófica e pedagógica, constantes nos provérbios, se evidenciam.

Os textos proverbiais têm uma função de arquivo, pois conservam em si um saber cumulativo e empírico que durante séculos, sobretudo em áreas onde imperava o analfabetismo, preencheu lacunas de conhecimento científico. A título de ilustração considerar-se-ão aqui dois exemplos que se reportam a condições atmosféricas e/ou a regras laborais agrícolas:

Manhã ruiva, ou vento ou chuva.

Quando Maio chegar, quem não arou tem de arar.

No entanto, seria incorrecto estabelecer um paralelismo entre provérbios e analfabetismo, pois nem todos são de cariz popular. Cientes da capacidade de disseminação e de persuasão dos provérbios junto da população menos instruída a Igreja, a realeza e a burguesia criaram máximas, com laivos de autoritarismo, que apelavam ao respeito, à humildade e à submissão, e puseram-nas a circular entre a plebe (Costa, 1999:

12). A este propósito convém lembrar o papel de *A Bíblia*, mais precisamente do “Livro dos Provérbios,” na divulgação de algumas dessas máximas.

Seria igualmente errado pensar que este género oral cativava apenas os iletrados, visto que vários foram os poetas que a ele recorreram “como recurso literário ou para ilustrar preceitos morais e religiosos” (Guerreiro, 1983: 61), como é disso exemplo Gil Vicente. Porém, muitos eruditos houve também, que invocaram provérbios – desde Aristóteles, Séneca, Quintiliano e Erasmo, para mencionar apenas alguns – “muito devido ao seu teor sentencial que é um elemento imprescindível na arte oratória” (Pereira, 2000: 15). Outros houve ainda que os coligiram e publicaram, tal como o comprovam as obras *Refranes* (1555) e *Adágios Portugueses* (1651), da autoria de Hernán Nuñez e António Delicado, respectivamente (Guerreiro, 1983: 61).

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso

De natureza universal, os provérbios podem ser encontrados nos cinco continentes visto serem uma manifestação civilizacional. Isto é, todas as culturas têm padrões morais e como tal recorrem em boa parte aos provérbios para os transmitirem. O declínio que este género tem verificado entre as sociedades ocidentais ainda não tem paralelo em África e em algumas zonas da Ásia, onde a comunicação oral ainda tem primazia em relação à escrita, (Vansina, 1985). Independentemente de estas serem culturas iletradas ou semi-letradas, os membros que nelas exercem a função de “comunicadores orais” -- ou seja, de transmissores de conhecimento(s), por excelência – “armazenam o(s) seu(s) conhecimento(s), informação(ões), ensinamentos, conceitos, listas e ideias em apresentações narrativas que podem ser facilmente entendidas, recordadas e reproduzidas” [minha tradução] (Evans, 2006: 117). Por outras palavras, os conteúdos são transmitidos segundo um modelo de aprendizagem holístico e não analítico, como é o caso do modelo de aprendizagem ocidental. Melhor dizendo, “a verdade proposicional” é apresentada e percebida como um todo e não como um conjunto de fragmentos que devem ser analisados individualmente. No fundo, se bem que radicalmente diferentes, ambos os modelos são válidos e eficazes na transmissão de saberes (*ibid.*: 118).

Contrariamente ao que se verifica no Ocidente, neste tipo de sociedades o exercício da memória e as relações inter-geracionais são fundamentais na transmissão de um discurso memorizado -- povoado de histórias, imagens e anacronismos -- que faz a ponte entre a experiência passada e o momento presente. Esta ideia encontra-se patente no provérbio guianês “O passado é hoje” [“Ancient things are today”], que Jan Vansina cita e que desdobra da seguinte maneira:

oral traditions are documents of the present, because they are told in the *present*. Yet they also embody a message from the past, so they are expressions of the *past* at the same time. They are the representation of the past in the present. ... To attribute their whole content to the evanescent present as some sociologists do, is to mutilate tradition; it is reductionistic. To ignore the impact of the present as some historians have done, is equally reductionistic. Traditions must always be understood as reflecting both past and present in a single breath (1985: xii).

Enquanto elementos da tradição oral, os provérbios espelham a consciência colectiva (linguística e extra-linguística) das sociedades em que circulam. Ou se quisermos, eles são parte integrante daquilo que Durkheim designou de “representações colectivas” e que se definem como um conjunto de “construções mentais, partilhadas, através das quais os seres humanos, de forma colectiva, se vêem a si mesmos, se vêem uns aos outros e vêem o mundo” [minha tradução] (Fields, 1995: xviii), podendo essas construções mentais variar de cultura para cultura. Por outro lado, por vezes, a sua circunscrição a um determinado país ou zona não é exequível, pois fazem parte do fenómeno comunicacional. Ou seja, a mobilidade humana e o intercâmbio de ideias, sentimentos e informações usados para a obtenção de conhecimentos e experiências necessárias à promoção da convivência entre os povos, conduziram à disseminação de valores e de padrões de conduta. Exemplos disso são os casos que se seguem:

P.- Nem tudo o que luz é ouro.

F.- Tout ce qui reluit n'est pas

or.

I.- All is not gold that glitters.

P.- Devagar se vai ao longe.

F.- Qui va doucement, va loin.

I.- Slow and sure, slow and steady wins the race (Quintão & Quintão, 1983).

Os provérbios são, portanto, modelos de representação de ordens do mundo que podem, ou não, manifestar pontos em comum. Mais ainda, eles promovem uma “organização estrutural do mundo... que organiza e dá sentido à vida do homem (sic), enquanto ser relacional, vivendo em sociedade” (Pereira, 2000: 36). Ora, como todos os modelos de organização humanos são objecto da semiótica, então, e tal como a Escola de Tartu já o havia afirmado, “os provérbios são [...] signos pertencentes a um sistema semiótico cultural” (Lopes, 1992: 47).

Mais vale tarde que nunca

Não há, então, como negar a sua participação na construção identitária das comunidades em que se inserem. A análise proverbial dá-nos acesso aos aspectos que constituem a cosmovisão das mesmas. Isto é, permitem-nos interpretar a experiência de uma dada comunidade através da revelação dos seus métodos de previsão meteorológica e técnicas agrícolas, das suas preferências alimentares, do capital simbólico-religioso, mas também dos seus preconceitos. Este último aspecto é, talvez, dos mais interessantes na medida em que provérbios como:

Trabalho de menino é pouco, quem não aproveita é louco.

Do homem a praça, da mulher a casa.

De Espanha nem bom vento, nem bom casamento.

na perspectiva de Manuel Viegas Guerreiro, “[e]ncerram circunstâncias históricas sem analogia com o presente e que pelo seu anacronismo devem ser explorados e não ignorados” (1983: 32). No caso concreto de Portugal, e à semelhança de muitos outros países, é possível vislumbrar reminiscências, que se desejam ultrapassadas, de um temperamento:

- anti-semita (“Judeu, dona e homem da coroa, jamais perdoa”);
- xenófobo (“Quem tem padrinho, não morre mouro”);
- sexista (“Mal vai a casa onde a roca manda mais que a espada”);
- homóforo (“Homem com fala de mulher, nem o diabo o quer”);
- cruel/abrutalhado (“Quando fores bigorna, sofre, e quando fores malho, malha.”);

mas também

- espirituoso (“Para ir à festa, não há perna manca”).

Queiramos ou não, todos estes exemplos fazem parte da nossa memória colectiva e, como tal, concretizam e caracterizam a nossa identidade. Daí que devam ser dados a conhecer às gerações mais jovens, e às que hão-de vir, a fim de evitar a perda de valores referenciais. Na realidade, várias iniciativas foram encetadas, entre os anos finais da década de noventa e o momento presente, no sentido de impedir que tal venha a acontecer. A inclusão de géneros da literatura oral nos programas do Ensino Básico e Secundário é

disso exemplo¹. Esta medida adquire particular relevo visto que acarreta consigo vantagens aos níveis da competência linguística, da cognição e da sócio-afectividade dos(as) alunos(as) (Pereira, 2000: 146).

Igual importância adquire, também, a publicação de diversas obras que visam instigar o gosto pelo estudo e pelo conhecimento da literatura oral, como é o caso de *À Descoberta dos Provérbios* (1998), de Rosa Almeida e Fernando Almeida. Menção deve, igualmente, ser feita a todo um conjunto de actividades organizadas por algumas Bibliotecas Municipais em prol da aproximação dos mais novos ao seu o património oral. Entre elas há que destacar o projecto “ ‘Assim como cada qual é, assim ensina’: provérbios em bibliotecas públicas para adolescentes e jovens adultos” levado a efeito pela Biblioteca Municipal de Oeiras em 2007 (Matos, 2007). Não menos importante, foi a candidatura luso-espanhola do Património Imaterial da Galiza/Norte de Portugal a Património Cultural da UNESCO em 2005 (Miranda, 2005)². Candidatura essa que foi rejeitada mas que, ainda assim, funcionou como motor consciencializador, entre a população, para a importância desta herança comum no espaço Ibérico, nomeadamente quando associada ao desenvolvimento de um turismo sustentado. O desenvolvimento de projectos como este potencia “compreender a unidade” e “reconhecer a alteridade da riqueza humana, patente nas diversidades culturais, que cada região deve guardar ciosamente” (Pereira, 2000: 145).

Conclusão

Importa, portanto, reter que os provérbios encerram e manifestam aspectos relativos à organização cultural e linguística da comunidade a que pertence. Graças à sua plasticidade e às suas valências rimáticas, cacofónicas e mnemónicas, estes tendem a manifestar-se universal e transversalmente, marcando presença em todos os pontos do globo e em todas as esferas sociais, desde a política, à publicidade, literatura, música, entre outras. Uma das suas maiores valias reside no facto de estes testemunharem e estimularem a capacidade reflexiva dos seres humanos. Assim sendo, a não valorização do património oral implicará “a anulação de ferramentas na competência comunicativa das gerações mais novas que lhes permitem descodificar minimamente os enunciados próprios do seu ‘habitat linguístico’” (Pereira, 2000: 3).

Os valores culturais que fundamentam a nossa identidade encontram-se presentes nas diversas vertentes que a compõem. Logo, promoção do convívio com a sua vertente

¹ Convém referir que os actuais programas foram consultados e não foi detectada qualquer referência aos textos proverbiais. No entanto, estes já integraram os ditos programas tal como documentado por Leonor Jesus Marcos de Melo na obra *Os Textos Tradicionais na Aula de Português: Os Provérbios* (Almedina).

² Esta mesma organização já havia conferido o estatuto de obra-prima do Património Oral e Imaterial da Humanidade, em 2001, à tradição oral galaico-portuguesa (Lusa 2005).

mais instintiva, lado a lado com a vertente mais racional contribuirá para a difusão de uma atitude de tolerância e de respeito pela diferença entre os mais jovens.

Bibliografia

- COSTA, Alexandre de Carvalho (1981). *Gente de Portugal: sua linguagem seus costumes*. Vol. I, tomo I. Portalegre: Assembleia Distrital.
- COSTA, José Ricardo Marques da (1999). *O Livro dos Provérbios Portugueses*. Lisboa: Editorial Presença.
- DUCROT, Oswald e Tzvetan TODOROV (1982). *Dicionário das Ciências da Linguagem*. 3.^a ed., Col. Informação e Cultura 4. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- EVANS, A. Steven (2006). "Preserving the Consciousness of a Nation: Promoting 'Gross National Happiness' Bhutan Through Her Rich Oral Traditions". In: *Journal of Bhutan Studies*, nº 15, pp. 115-138.
- FIELDS, Karen E. (1995). Introd. de *The Elementary Forms of Religious Life*, de Émile Durkheim. Nova Iorque: The Free Press.
- FUNK, Gabriela (1993). *A função do provérbio em português e em alemão: análise contrastiva de um corpus de provérbios contextualizados*. Tese de Doutoramento: Universidade dos Açores.
- GUERREIRO, Manuel Viegas (1983). *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*. 2.^a ed., Col. Biblioteca Breve 2. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- INSTITUTO António Houaiss de Lexicografia – Portugal (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 6 Vols. Lisboa: Círculo de Leitores.
- LOPES, Ana Cristina Macário (1992). *O Texto Proverbial Português. Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Tese de Doutoramento. Universidade de Coimbra.
- MACHADO, José Pedro (1997). *O grande livros dos provérbios*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- MATOS, Gaspar (2007). Assim como cada qual é, assim ensina: provérbios em bibliotecas públicas para adolescentes e jovens adultos. Comunicação apresentada ao 1.º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios, Tavira.
- MELO, Leonor Jesus Marcos de (2002). *Os Textos Tradicionais na Aula de Português: os Provérbios*. Col. Educação. Coimbra: Almedina.
- MIRANDA, Ana (2005). "O triunfo da Cultura Anónima." In: *A Nossa Terra*, N.º 1, p.195.
- PEREIRA, M.^a Elisabete Conde (2000). *O papel dos adágios na vida e na língua de uma comunidade linguística*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- UNESCO (2003). "Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial" [em linha]. UNESCO. http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=16 (disponível em 01/ 09/ 2008).
- SILVA, Helena M.^a Q. Duarte e José Luís Quintão (1983). *Pequeno Dicionário de Provérbios*. Lisboa: Moraes Editores.
- SILVA, Helena M.^a Q. Duarte (1990). *Dicionário de Provérbios – Alemão, Francês, Inglês, Português*. 2.^a ed., Lisboa: Escher Publicações.
- VANSINA, Jan (1985). *Oral Tradition as History*. Londres: James Currey Publishers.